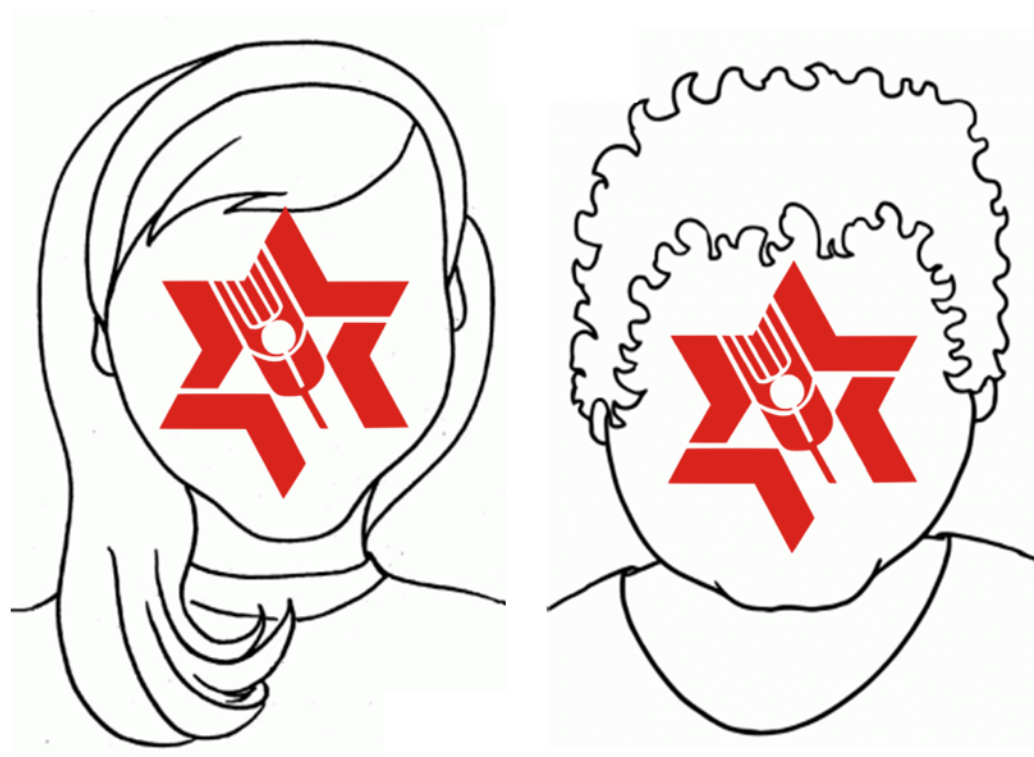


ITON DO HABONIM DROR

“ESSA É A NOSSA CARA”



Iton realizado para a 27ª Festa da Rua

Editorial - Mi Anachnu? (Quem Somos?)

Olá comunidade e estimado(a) leitor!

É com grande prazer que proporcionamos a todos aqui presentes a nossa segunda edição especial do *iton* (jornal) da festa da rua. Na mesma festa em 2011, realizamos a distribuição de nossos pequenos informativos e para esse ano de 2014 voltamos com essa iniciativa para lhes mostrar um pouco mais a fundo tudo aquilo que diz respeito ao nosso movimento juvenil.

Enxergamos esse pequeno jornal como a melhor das alternativas de abordagem ao público. Além disso, fazemos questão de distribuí-lo gratuitamente porque almejamos cada vez mais que as pessoas ao nosso redor compreendam nossos dilemas, questionamentos, enfim, tudo aquilo que está estritamente relacionado à vida de um chaver do Habonim Dror.

Somos um movimento de raízes históricas longínquas: desde os tempos que datam do surgimento do Movimento Sionista nós já existíamos, lutando pela construção de um lar judaico. Temos uma ligação histórica com o Movimento Kibutziano, o que traz a tona nosso caráter trabalhista e influi diretamente na forma como organizamos nossa estrutura de funcionamento.

Sendo assim, nós trabalhamos em pequenos núcleos de trabalho, horizontais, focados basicamente na manutenção da casa, na preparação dos sábados e em outras atividades relacionadas à comunidade judaica como um todo. Existem outros grupos destinados também a supervisão geral, a educação dos membros mais velhos, etc.

Fundado em 1945 em Porto Alegre, o Habonim Dror é um movimento composto de jovens judeus de 5 até 21 anos, compreendendo crianças, pré-adolescentes, adolescentes e jovens que já iniciaram suas carreiras universitárias. Nossa sede está localizada na Felipe Camarão, coração do bairro Bom Fim. Atualmente contamos com dois andares, uma quadra de futebol e um pequeno jardim na entrada de nossa casa. Durante os sábados de tarde, das 14h às 18h, sediamos atividades lúdicas de cunho educativo para crianças de 5 até 13 anos, proporcionadas por membros mais velhos do próprio movimento. Denominamos comumente o educando de *chanich* e o educador de *madrich*. Contamos, nos dias em hoje, com cerca de 65 chaverim ativos.

Nas páginas seguintes você terá acesso à assuntos que tangem a nossa ideologia e estão bastante em voga no ambiente juvenil judaico.

Bom, é realmente complicado de definir o que somos em apenas uma página! Para àqueles que estiverem mais interessados, o Habonim Dror localiza-se na Rua Felipe Camarão, 487, bem próximo da festa da rua. Fale Conosco!

Maiores informações:

Dafne Kives - Mazkirá (secretária geral) - dafnekives@gmail.com

Uriel Kveller- Rakaz Chinuch (Coordenador Pedagógico) - urielkveller@gmail.com

DESEJAMOS UMA APRAZÍVEL LEITURA A TODOS!

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”

Tarefa cabeluda e audaciosa é definir com exatidão a educação dentro do nosso movimento: quando estamos educando e quando não estamos educando? Será que existe um discernimento tão claro e preciso? O que caracteriza um ato ou uma atitude de caráter educativo?

Diante de tantas especulações, me parece indubitável que a educação é onipresente em nossas vidas: está intrínseca às nossas atividades, aos nossos pensamentos, às decisões que tomamos no nosso cotidiano, a cada diálogo que construímos entre indivíduos. Aquilo que confere sentido às nossas atitudes transborda em teor educativo. É ingênuo demais de minha parte tentar esclarecer, em linhas gerais, o que é a educação, e repetiria o equívoco se ainda ousasse situá-la dentro do nosso movimento. O que desejo e me permito compartilhar com você leitor, diz respeito às deficiências que enxergamos em outras instituições de cunho educativo e a relevância desses aspectos para a construção de nossa identidade.

O movimento Habonim Dror, antes de mais nada, reconhece as fraquezas do ensino formalizado, e tece críticas às instituições voltadas ao ensino básico de conhecimento. As escolas de hoje em dia atingem resultados esplêndidos no âmbito universitário, todavia não proporcionam aos seus alunos e educandos uma formação intelectual e crítica em sua plenitude. É de uma deficiência gritante. Uma vez que exista uma carência, entramos “em cena” para preencher as lacunas que as escolas não conseguem fazer com excelência.

Como movimento juvenil de educação não formalizada, temos o dever de abarcar tudo aquilo passível (e não passível) de transformação e melhorias ao nosso redor. Como se não bastasse as preocupações pessoais, procuramos trabalhar no movimento questões que tangem ao coletivo, a cidade, ao país, ao mundo. Essa versatilidade de temáticas já representa um diferencial, um acréscimo em relação ao ensino formal.

Alexander Graham Bell (1847 - 1922) nos diria que “Se andarmos apenas por caminhos já traçados, chegaremos apenas aonde os outros chegaram.” O membro do Habonim Dror tem em suas mãos a possibilidade de ampliar seu campo de visão e desviar do *mainstream*, da corrente principal a qual estamos propícios a seguir. A maneira como agimos no nosso Movimento, que preza pela horizontalidade entre educador e educando, pelo diálogo permanente e pela construção conjunta de objetivos, propõe, em última instância, o constante auto-questionamento e a busca pela realização pessoal.

Como bem disse Paulo Freire (1921 - 1997), educador e pedagogo de legado inspirador, já citado no título dessa coluna, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Portanto, um de nossos propósitos valorosos está em fornecer aos nossos chaverim (membros) essas possibilidades, essa esperança de que o mundo realmente pode mudar para melhor e que exige a prática para tanto. Mediante a nossa plataforma ideológica, a educação não-formal aparece como a caixa de ferramentas, a ponte de ligação entre a teoria e a prática. E aí chegamos ao cerne da questão. A forma como encaixamos a teoria e a prática é de suma importância para o deslanche do processo educativo, e através da educação não formal ensinamos a mudança e a construção de indivíduos mais completos.

Agimos com o desígnio de educar para crescer, seja no Brasil ou em Israel, visando inicialmente os nossos próprios chaverim e posteriormente o bem-estar coletivo, na busca incessante de um futuro mais condizente com aquilo que acreditamos.

Paralelo Sionista: o que foi e o que há

“O povo vem antes da terra, mas o povo parasita não é um povo vivo.” (Gordon, A.D.)

Desde o século XIX, em uma Europa tomada por sentimentos do pós Revolução Francesa, um ideal sionista foi plantado. A junção de três fatores na vida judaica resultou no que aparentemente se tornou uma das mais importantes mudanças na história do povo judeu. Aos brados de liberdade, igualdade e fraternidade, somados aos ideais da *haskalá* (Iluminismo Judaico) o povo judeu se viu em um ambiente antes inimaginável para a então *kehilá*. Não mais necessitaria estar à margem, em seu *shtetl*, e sim vinculado à sociedade comum onde poderia prosperar. Mas não seria tão fácil se desprender do vínculo *kehillatí* e o que poderia parecer uma esperança e uma finalmente inserção social se tornou um antissemitismo mais forte do que o antes visto. A identidade judaica era posta à cara do povo judeu, não podendo este ingressar nas universidades, ter mesmos direitos, etc. Somada a essa conjuntura histórica, ondas de nacionalismo floresciam na Europa. A emancipação judaica com o reforço de sua identidade, o antissemitismo e o nacionalismo se aliaram a Pinsker, Herzl e outros originando o que é conhecido como Sionismo: o retorno do povo judeu a sua terra de origem.

“O sionismo não é somente a reação de um povo a sua perseguição. É a busca da autodeterminação e libertação com as condições modernas de secularização e de liberalismo. Como tal, o sionismo tanto é parte da história judaica de dispersão e retorno como é da história universal e busca de uma identidade própria.” (Shlomo Avineri)

Em seu diário, logo após o primeiro Congresso Sionista (1897), Herzl escreveu “Na Basileia fundei o Estado Judeu; se eu dissesse isto hoje, seria objeto de risos universais; em cinco anos, talvez em cinquenta, todos o verão”. E foram cinquenta longos anos de muito suor, sofrimento, perdas, muitas perdas, mas também foram anos de honra, glória, trabalho e de construção de um Estado antes inimaginável. No princípio do século XX, milhares de judeus emigraram da Europa à então Palestina movidos apenas por sonhos e ideais, cansados das perseguições e das humilhações, abandonando sua terra de origem e em busca da construção do Estado Judeu sonhado por Herzl e outros. O caminho era árduo, a terra que “emanava leite e mel” segundo o *Tanach* havia se tornado uma terra de pântanos.

Dentre a 2ª e a 3ª *aliá* (ondas emigratórias), percebe-se que muitos jovens abandonaram suas famílias e futuros na Europa para lutar pelo ideal sionista. Jovens que secaram os tais pântanos, construíram *ishuvim* (pequenas colônias judaicas na Palestina), serviram às instituições de segurança, criaram cidades, universidades, hospitais, instituições de auxílio a novos *olim* (imigrantes), sindicatos de trabalhadores (*histadrut*), partidos políticos: estruturaram um Estado vindouro. Se o Habonim Dror não existia como instituição ainda até dado momento, a semente havia sido posta a germinar.

Através das citadas *aliót*, muito incentivadas pelos movimentos juvenis vigentes na Europa, ideais de *chaluzianismo* (pioneirismo), *kibutzianismo* (uma vida em comunidade coletiva) e *sionismo* precursoraram o nosso movimento juvenil. A base ideológica que estes jovens levaram para a construção do Estado de Israel é também a base ideológica do princípio da *tnuá* Habonim Dror. Assim, carregamos conosco uma história em comum àqueles visionários.

Sentimos orgulho ao contar na nossa história marcos tão importantes na história do povo judeu em que tivemos real influência. O levante de guetos na Europa durante a *shoá* como o de Varsóvia e de Bialistok, a construção de diversos *kibutzim* (pequenas fazendas estruturadas através dos ideais

kibuzianos de coletivismo) por todo Estado de Israel, o ativismo comunitário em diversos países da diáspora através da educação de jovens para jovens são exemplos do trabalho que viemos fazendo por todos esses anos. Seguimos conectados com nosso passado, seguimos com nossos ideais *chalutzianos*, *kibutzianos* e *sionistas*, mas também seguimos nos questionando: após 66 anos da concretização da visão de Theodor Herzl, mantemos o mesmo caminho de vida que outrora?

Nossa espinha dorsal sempre foi a *aliá*, o desenvolvimento do ideal sionista no Estado de Israel em marcos *kibutzianos*. Por quase 70 anos de existência do Habonim Dror, ajudamos o Estado de Israel a prosperar politicamente, socialmente e economicamente. Fomos à *hachsarót* (preparações para a *aliá kibutziana*), fizemos a tão sonhada *aliá*, trabalhamos vidas pelo *kibutz*, mas nos deparamos com uma sociedade completamente diferente dos muitos anos de nossa história. Nos últimos 30 anos, foi visível a decadência dos *kibutzim* por todo o Estado de Israel, e já não encontramos mais nossa devida realização em tais lugares. Como então alterar nossa prática sem que alteremos nossa ideologia?

Parafraseando o atual *mazkir olami* (secretário-geral mundial) do Habonim Dror: “Por muitos anos nossos *olim* do Habonim Dror fizeram *aliá* para o *kibutz*. O que temos que entender, é que na realidade estamos indo para Israel, e de lá escolhemos nosso caminho de vida. A *aliá* não é para o *kibutz*; é para Israel. E esse continua sendo nosso caminho.” (Julian Resnick). Assim, se torna clara nossa postura perante o atual Habonim Dror comparado às nossas raízes históricas. O *sionismo* foi, é e sempre será o condutor da *tnuá*. Somam-se outras ideologias: *kibutzianismo* e *chalutzianismo*. Além disso, nos especificamos nos demais ideais do movimento, como judaísmo cultural humanista, sionismo-socialista, educação não-formal, juventude de esquerda, trabalhismo, democracia, entre outros.

Podemos comparar dois autores: “A Revolução Sionista sempre se apoiou em dois pilares: um caminho justo e uma liderança ética. Nenhum destes segue vigente. A nação israelí hoje se baseia em um andaime de corrupção e em fundamentos de tirania e injustiça.” (Avraham Burg, ex-presidente da Agência Judaica mundial) e “Não faz sentido idealizar a Israel e vê-la como sociedade exemplar, mas não ha duvida de que uma de suas maiores conquistas foi a sua capacidade de manter a coesão social com um parente alto grau de igualdade.” (Shlomo Avineri, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém). Críticas pessimistas e otimistas a respeito da atual Israel. Para o Habonim Dror, o sionismo não teve fim em 1948. Acreditamos que há muito ainda o que fazer. Seja através da política, da educação, do diálogo, do trabalho ou qualquer outra ferramenta que possamos usar em nossa sociedade, muito ainda temos que construir para a nação judia. Não sossegaremos enquanto ainda não houver paz com os palestinos, direitos iguais a todos que habitarem Israel, governos que não sejam corruptos, democracia plena, igualdade social e outros tantos problemas decorrentes de nosso Estado atual.

Mas isso tudo de nada vale sem a nossa prática. O que realmente nos dignificará como povo, assim como há cem anos nossos antigos *olim* também se dignificaram, é o nosso trabalho para com a terra de Israel. Assim, mudou-se a sociedade, mudaram-se as necessidades da nação, mas o ideal permaneceu e permanecerá, e ele guiará nossos esforços em manter nossa terra virtuosa de ser o Estado Judeu. Um grande pensador sionista, um dos maiores influenciadores dos ideais de nossa *tnuá*, escreveu: “Um povo só pode adquirir a sua terra pelo seu próprio esforço, pela realização de suas potencialidades físicas e espirituais, pelo desdobramento e pela revelação de sua individualidade íntima, e uma transação bilateral, mas o povo vem em primeiro lugar: o povo vem antes da terra, mas o povo parasita não é um povo vivo.” (A. D. Gordon). Que não sejamos parasitas.

Refletindo sobre o Judaísmo Cultural Humanista

“O essencial é que o sentido encontrado merece, por sua sabedoria, a busca que o revela” (E. Lévinas)

Começo com E. Said: “O mundo secular é o mundo da história – da história vista como algo feito por seres humanos. A ação humana está sujeita à investigação e à análise; a inteligência tem como missão apreender, criticar, influenciar e julgar. Antes de mais nada, o pensamento crítico não se submete a poderes de Estado ou a injunções parar cerrar fileiras com os que marcham contra este ou aquele inimigo sacramentado. Mais do que um choque manufaturado de civilizações, precisamos concentrar-nos no lento trabalho conjunto de culturas que se sobrepõem, tomam isto ou aquilo emprestado uma à outra e vivem juntas de maneiras mais interessantes do que qualquer modo abreviado ou inautêntico de compreensão poderia supor. Acontece que esse tipo de percepção mais ampla exige tempo, paciência e indagação crítica, construídos a partir da fé em comunidades voltadas para a interpretação, tão difíceis de manter num mundo que exige ação e reação instantâneas”.

‘Judaísmo Cultural Humanista’ não quer dizer que haja algum judaísmo não humanista, ou que alguém muito bondoso seja capaz de “humanizar” o judaísmo. Acredito que a grande suposição dos judeus culturais humanistas é justamente a aposta de que o humanismo é algo essencialmente judaico. O Judaísmo Cultural Humanista deve se propor, portanto, radicalmente judaico. Suas grandes possibilidades, contudo, não são meramente interpretativas ou relativas apenas à ampliação do que se considera normalmente como “fontes judaicas”, mas residem na afirmação da liberdade no desenvolvimento de seu próprio cotidiano de práticas. Isso é muito importante, pois em muitas comunidades judaicas do Brasil o estudo foi praticamente abandonado, e é a prática somente (um tanto cega) o que dá vida aos laços identitários. Eis, pois, a fórmula que nos queda: muito estudo + revolução prática.

O Judaísmo Cultural Humanista é comunitário não porque serve cegamente à comunidade, mas porque se pensa como comunidade. O Habonim Dror toma a vanguarda no desenvolvimento dessa nova comunidade. Tenta tornar-se consciente do oceano de valores que inundam qualquer evento coletivo, combatendo, com o estudo do judaísmo, os discursos que muitas vezes se materializam nas instituições comunitárias, e que apenas reproduzem o modo (extracomunitário, extrajudaico) de operar do *status quo*. Também em Israel vemos a existência de uma problemática comunitária, e acreditamos que o Judaísmo Cultural Humanista possa lá pautar a criação de comunidades que combatam a cristalização dos preconceitos, a banalidade da prática, banalidade do mal, o extermínio do pensamento e a decadência do judaísmo. Nesse sentido, acreditamos que é com judaísmo que resolveremos o conflito palestino-israelense, ou seja, entendendo que a injunção “Ame o Próximo” significa, para os israelenses, “Ame o Palestino”. Em Porto Alegre, perguntemo-nos: o que ela significa? E o que é, relativamente a essa questão, uma atitude radicalmente judaica? Como humanizar e humanizar-se nessa sociedade que nos ensina a tolerar a morte e a fome dos nossos vizinhos, que normaliza a desgraça, que ordena a submissão à ditadura do mérito e do privado? Hillel dizia: “Se eu estou aí, tudo está aí. De mim e minhas obras depende se o prato da balança de todo o mundo baixa”.

Finalizo, como comecei, com Said: “O humanismo está centrado na ação da individualidade e da intuição subjetiva humanas, mais do que em ideias prontas e na autoridade aceita. Os textos precisam ser lidos como textos produzidos no domínio histórico e que nele vivem, sob uma variedade de modos profanos (...) E, finalmente, o que de fato importa é que o humanismo é nossa única possibilidade de resistência – e eu chegaria mesmo ao ponto de dizer que ele é nossa última possibilidade de resistência – contra as práticas desumanas que desfiguram a história humana”.

Quem disse que o kibutz morreu?

É comum ouvirmos que o movimento kibutziano está perdendo força, porém baseado em que dados as pessoas dizem isto? Em 2007 os kibutzim voltaram a ter uma imigração positiva. O número de pessoas que se tornaram membros foi maior do que o número de pessoas que deixaram os kibutzim. Apesar de a população dos kibutzim ser de aproximadamente 120.000 pessoas e corresponder a 1,6% do número de habitantes de Israel, 33% da produção agrária de Israel é proveniente deles.

Não se deve subestimar a força dos kibutzim. É claro que ocorreram mudanças dentro do sistema econômico do kibutz, porém como gostaríamos que os kibutzim não se alterassem? Com o avanço dos transportes, da comunicação e da tecnologia em geral, eles também acharam uma nova solução.

O novo modelo econômico que vem dando certo é aquele no qual os ganhos dos seus habitantes são balanceados, ou seja, eu entrego meu salário ao kibutz e ele retira uma parte para que sejam pagas diversas despesas e me devolve uma quantidade referente ao meu trabalho, logo eu recebo uma remuneração que é diretamente relacionada ao meu trabalho, mas ao mesmo tempo é evitada uma desigualdade social muito grande.

A importância deste novo modelo é que os chaverim não brigam mais por besteiras, tais como um comeu um shinitzel a mais, e podem se preocupar em fazer eventos comunitários e tradicionais reforçando a educação do kibutz.¹

Jovem judeu da esquerda brasileira: Os três lados da mesma moeda.

O Habonim Dror tem como principais valores ser uma tnuá esquerdista, e obviamente uma tnuá judaica. Isso parece contraditório na nossa conjuntura atual, onde os partidos da esquerda brasileira estão sempre se manifestando contra o Estado judaico (Eretz Israel), e sempre apresentando uma crítica voraz (a última que me lembro foi de um partido – não importa o nome – da esquerda que, no dia 11/01/2014, aproveitou a morte de Ariel Sharon para publicar em sua página oficial um enorme texto falando mal dele e de suas políticas). Surge então as várias perguntas: como ser de esquerda no Brasil, se somos judeus? De que lado devemos nos posicionar na política do nosso país?

Acontece que o Dror tem na sua filosofia uma esquerda um pouco distinta da tradicional. Assim como toda entidade de esquerda, prega a maior igualdade entre todos, porém tem na essência a ajuda mútua (o Tikun Olam). Para o movimento, ser um judeu de esquerda não é ser aquele cara que vai a manifestações da esquerda (até por que não queimaríamos uma bandeira de Israel), mas sim ser aquele personagem ativo na sociedade em que vive. Ser aquela pessoa que se mobiliza por uma causa social e tenta arranjar solução para os problemas da keila.

Um jovem judeu de esquerda talvez entre em contradição na hora de votar por um partido – já que a maioria dos partidos de esquerda têm um discurso antissionista – porém algo claro para a tnuá é que esse mesmo jovem é aquele que será fundamental para a mudança de sua sociedade, pois acaba sendo um jovem crítico aos meios, e ativo... É o agente de mudança.

¹ Fonte: http://www.kibbutz.org.il/tnua/dover/dafdefet_engl.pdf

Shir

Hatchala Chadasha - Yehuda Poliker

Anos eu e você estamos dentro de uma armadilha
Juntos demais
Dentro do mesmo pântano
Hoje eu viajo, para onde, não sei
Não chore, não chore

Para todo fim há um novo começo
E sempre a despedida é difícil

Essa é a hora, é o dia, é o momento
A liberdade me chama de todas as estradas
É a hora, é o dia, é o momento
A liberdade me chama para sair para uma nova vida

Eu eu você estamos nos afogando em um redemoinho
Presos em um círculo fechado, em um caminho sem saída
Juntos demais
Sentimentos de culpa e medo
Não chore, não chore

Para todo fim há um novo começo
E todo caminho é um caminho difícil

Essa é a hora, é o dia, é o momento...

Não há preço para a liberdade, não me comprarão grátis
Não me levarão por dinheiro, não há nenhuma força no mundo

Essa é a hora, é o dia, é o momento...

Shanim ani vaat betoch malkodet
Yoter midai beyachad
Betoch ota bitza
Hayom ani nosea lean ani lo yodea
Al tivki, al tivki

Lechol sium yesh hatchala chadasha
Vetamid hapreda hi kasha

Ze hu hazman ze hayom ze harega
Hachofesh kore li mikol hakvishim
Ze hazman ze hayom ze harega
Hachofesh kore li latzet lechaim chadashim

Ani vaat tov'im bemaarbolet
Svuchim bemaagal sagur bederech bli
motza
Yoter midai beyachad
Rigshot ashma vapachad
Al tivki, al tivki

Lechol sium yesh hatchala chadasha
Vekol derech hi derech kasha

Ze hu hazman ze hayom ze harega...

Ein mechir lachofesh lo iknu oti chinam
Lo ikchu oti bekeseif ein shum koach
baolam

Ze hu hazman ze hayom ze harega...

